

# **Plano de aula em Filosofia para estudantes do Ensino Médio**

**Aluno:** Wesley Heleno de Oliveira

**Orientador:** Prof. Ms. Antônio Ruzza

**1. Tema:** Filosofia e o tempo

## **2. Objetivo**

**Geral:** Apresentar, discutir e refletir a respeito da concepção do tempo. Suas multiformes experiências vividas ou concebidas pelo homem, e as tentativas de explicação filosófica.

**Específicos:** **a)** Possibilitar aos estudantes uma compreensão filosófica sobre o tempo; **b)** Suscitar uma autêntica discussão intelectual ou ao menos estimular o pensamento filosófico acerca do tempo; **c)** Desenvolver a interpretação crítica dos estudantes frente às obras literárias, fílmicas ou artísticas que versem sobre a natureza do tempo.

## **3. Programação**

Uma série de quatro aulas, ministradas em duas semanas, com aulas dobradinhas, para estudantes das 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio.

## **4. Metodologia**

Exibição, em sala de aula, do filme “*O curioso caso de Benjamin Button*”. Seguida de aulas que suscitem uma discussão filosófica sobre o tema; uma tarefa de pesquisa pelos estudantes, e posterior exposição de conceitos e ideias dos principais filósofos que pensaram sobre o tempo. Para tanto se utilizará de material audiovisual (Aparelho de TV, DVD, Filme DVD).

## **5. Contexto**

Escola Pública Estadual, chamada E.E. Prof. Paulo Sérgio Guimarães, situada na periferia da zona leste da cidade de São Paulo. A população local é caracterizada, socialmente, pela baixa renda *per capita* e baixo nível de educação formal. Os estudantes oriundos dessas famílias são, no geral, filhos de operários da indústria e comércio, e também sofrem das limitações culturais que os pais não puderam lhes oferecer.

Observa-se que os estudantes experienciam o tempo, com as singularidades da psicologia da adolescência e, alguns da juventude, tempos esse em que se buscam conhecer a si mesmos e o mundo ao seu redor, e anseiam por dar sentido e forma ao *seu* (subjetivo) tempo vivido.

## **6. Sensibilização**

Para sensibilizar, e na medida do possível, atrair a atenção dos jovens estudantes, adotou-se um filme contemporâneo que versa sobre o tempo: “O curioso caso de Benjamin Button”. Sabemos por experiência que os jovens têm maior facilidade e demonstra interesse espontâneo por filmes: a linguagem fílmica, fortemente marcada pela imagem, geralmente, causa mais impacto do que a palavra falada, nos *tempos atuais*.

Adotamos a abordagem teórica e metodológica de ensino de filosofia no Ensino Médio, elaborada pelo Prof. Sílvio Gallo (2007), constituído de quatro etapas. A primeira delas é precisamente a *sensibilização*. Nessa etapa é estratégico, conforme Gallo, que os estudantes sejam *afetados* (sensibilizados, inclusive seus afetos) pelo tema (Cf. GALLO, p. 27).

Já servindo como uma pré-avaliação, solicitar-se-á aos estudantes perguntarem aos pais e amigos de sua convivência, e trazer simples anotações para a próxima aula, questões como: como percebo o tempo? O que há de semelhante e dessemelhante entre minha época e a atual? Já leu um livro que fala sobre o tempo? As coisas mudam por que o tempo *passa* ou o tempo *passa* e com isso as coisas *evoluem*? O tempo passa, tem uma direção ou não?

## **7. Problematização**

Falar de tempo é falar de “algo” que todos sabem do que se trata, mas não sabem explicar quando nos perguntam<sup>1</sup>. Está embrenhado com nossas experiências vividas, que aliás nos constituíram, no que somos presentemente.

Frente àquela enquete (pesquisa simples, constituídas de perguntas aos familiares) dos estudantes, começamos a problematizar o tema *tempo*, e relacioná-los com o filme assistido, em sala. No mais das vezes, percebe-se logo o entusiasmo com que os jovens começam a falar e debater sobre *os tempos*: seus modos de percebê-los, e como isso se verifica no curioso caso de Button.

Perguntamos aos estudantes suas impressões sobre o filme: o que lhes chamou a atenção? Como o personagem vivia suas experiências pessoais? O tempo é linear ou cíclico? É reversível ou irreversível (não volta atrás)? O tempo é relativo ou é absoluto (igual para todos)?

Segundo Gallo (2007), a etapa da problematização é, pois, o momento de “transformar o tema em *problema*” (p. 28). Para isso, questionamos os estudantes com diversas perguntas intelectualmente desafiantes sobre qual seria a natureza do tempo? Nestas turmas, notamos que o interesse maior foi pelo *tempo psicológico*, isto é, como as pessoas (e, é claro, neles adolescentes) experienciam o tempo e como este age nelas.

## **8. Investigação**

Ao problematizar o tema do tempo, já lançamos mão de uma concepção de um grande filósofo: Santo Agostinho. Todavia, é nessa etapa que realizaremos um estudo aprofundado sobre o tempo, enquanto tema filosófico. O filme foi só um meio estratégico, para cativar os jovens estudantes ao debate filosófico. Bem como a tarefa de casa, ao questionar pais e amigos sobre o tema.

Nesta etapa da investigação, levamos em consideração o principal interesse apontado pelos estudantes – e ainda assim mantemos o rigor do pensamento filosófico – o tempo psicológico e como experimentamos o tempo e como ele nos *molda* enquanto seres temporais?

---

<sup>1</sup> “Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. Em: *As Confissões* de Santo Agostinho.

Convidamos os estudantes a dialogar como Santo Agostinho de Hipona e Kant. Apresentamos, aos estudantes, as reflexões desses pensadores, oferecendo pequenos textos (de uma, no máximo uma página e meia) para um primeiro contato, texto estes previamente elaborados pelo professor.

Para Agostinho o tempo é essencialmente psicológico, ele está no espírito dos homens. Isto porque para o santo filósofo, o passado não existe, é uma lembrança; o presente não existe, é uma percepção e o futuro não existe, é uma expectativa. É possível perceber o entusiasmo dos estudantes, com essas elucubrações sagazes de Agostinho. Com isso começamos a suscitar respostas, construídas junto com os estudantes, para suas indagações filosóficas sobre o tempo. O tempo é, entre outros, psicológico porque está em nosso espírito.

Seguimos dialogando com Kant, pensador alemão, para o qual o tempo é uma *intuição a priori*<sup>2</sup>. Tempo (e o espaço) para Kant é condição de possibilidade da experiência. Com isso descobre-se, reforçando as teses de Agostinho – mas diferentemente do modo de formulação dele –, que o tempo não é uma realidade: não é tangível, não é visível, nem é conteúdo de experiência. É sim *pura intuição* (cf. PIETTRE, p. 97).

Percebe-se que para Kant, o tempo é uma condição constitutiva do ser humano, porque está (é) na sua estrutura psicológica e condiciona nossas percepções do mundo e como nós adquirimos conhecimentos. Nesse momento, os estudantes comentam como são relevantes essas ideias kantianas – que antes eles nem ouviram falar – e tendem a concordar com o filósofo. Contudo, o professor os estimula a continuar perguntando à Kant e Agostinho, e com isso fazer avançar a reflexão filosófica sobre o tempo.

## 9. Conceitualização

O conceito filosófico de tempo aparece muitas vezes na história da filosofia. E verificou-se, particularmente, que para Agostinho o tempo é, por natureza, psicológico porque se mostra paradoxal quando questionamos sua essência.

Para Kant o tempo é uma intuição *a priori* (do latim *a priori*, antes da experiência e que, a condiciona ou a possibilita que ocorra). Segundo Ferrater Mora, os conceitos e as proposições *a priori*, para Kant, “tem de ser pensadas com caráter de

---

<sup>2</sup> Na etapa da Conceitualização esclareceremos o significado desses e doutros conceitos.

necessidade absoluta”, pois são os elementos constitutivos da percepção do indivíduo acerca da realidade (1978, p. 6).

Os estudantes têm a oportunidade de tomar consciência de alguns conceitos filosóficos, como os de acima, e com o procedimento de raciocínios tipicamente filosófico: o modo incisivo de questionar e flexionar o tema em múltiplos sentidos e implicações.

## **10. Avaliação**

A avaliação será realizada seguindo dois critérios: participação em sala de aula (envolvimento, perguntas, colocações verbais, etc.); se o estudante, efetivamente, realizou a enquete (pesquisa simples) com os pais e amigos e trouxe para discussão, em sala de aula, de modo pertinente ao tema proposto, valendo até 2.0 pontos.

Haverá, também, um exame escrito constituído de três perguntas objetivas de multi-escolha e duas dissertativas, valendo até 8.0 pontos.

## **11. Referências Bibliográficas**

AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

GALLO, Sílvio e GOTO, Roberto. *A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade*. In: *Da Filosofia como Disciplina – Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

PIETTRE, Bernard. *Filosofia e ciência do tempo*. São Paulo: EDUSC, 1997.

